

MEMÓRIAS E NARRATIVAS: A REPRESENTAÇÃO DOS ENOURADOS PELOS VAQUEIROS DE PEDRÃO

– BA

Wellington de Souza Madureira (Pós-Crítica/UNEB)

Orientadora: Prof. Dra. Edil Costa

Resumo: Esta pesquisa em andamento tem por objetivo estudar os indivíduos que representam o movimento histórico de 1823 denominado Encourados de Pedrão. Desse modo, através das suas narrativas orais pretende-se compreender e conhecer o sentido que a representação e a performance relativa ao movimento adquirem dentro de suas histórias de vida, tendo como recorte a Associação Encourados no município de Pedrão – Bahia. Uma pesquisa que discorre pelo método da história oral, bem como as leituras bibliográficas dos teóricos selecionados, fichamento de leituras pertinentes ao nosso trabalho e visitas ao campo de pesquisa. Assim, no primeiro capítulo foi feita uma contextualização histórica que leva em consideração a formação do grupo de voluntários (1823), o desfile cívico do Dois de Julho e a participação dos Encourados dentro do desfile. No segundo capítulo, inicialmente pautaremos a articulação entre o território e a formação do vaqueiro, logo depois abordaremos as impressões dos moradores pedronenses sobre a profissão de vaqueiro e o movimento dos Encourados através de suas memórias. O sumário outra etapa importante que ganha contorno a medida que avançamos em nossas escritas e nos permite manter o fio condutor da nossa proposta de trabalho, o mesmo ganha concretude dentro da nossa dissertação. Por ora, pretendemos apresentar ao leitor mais que um esboço de uma problematização abstrata, pelo contrário, uma pesquisa que toma contornos concretos gradativamente tendo como ponto de partida as narrativas e o modo de vida dos sujeitos e do seu texto social.

Palavras Chave: Cronograma. Narrativas. Pesquisa. Representação.

INTRODUÇÃO

Muitas foram as inquietações e angústias até chegarmos ao nosso objeto de pesquisa. A todo instante era importante articular a minha formação acadêmica de pesquisador em História, ao campo linguístico e literário proposto pelo programa de Mestrado em Crítica Cultural, cuja grade curricular é construída a partir da área de Letras e Linguística.

Avançando nessa articulação chegamos a uma proposta de pesquisa que fosse possível ser construída, tendo como ferramentas de um lado a formação acadêmica do pesquisador e do outro as contribuições teóricas do programa de Pós Graduação em Crítica Cultural. Assim, a presente dissertação situa-se no estudo da representação que os Encourados de Pedrão adquirem dentro das narrativas orais dos vaqueiros pedronenses as representações que permitem também avaliar o ser-percebido que um indivíduo ou grupo constrói e propõem para si e para os outros.

A história da humanidade e as práticas sociais de um povo sempre estiveram intrinsecamente marcadas e vinculadas à memória. Assim, a oralidade contribui para "documentar" o mundo, suas mensagens, suas experiências de vivências através de narrativas repetidas e memorialmente apreendidas. Hoje, estudiosos sociais, antropólogos e literatos reconhecem o caráter intelectual das

narrativas orais em diversos contextos. Estudá-las torna-se importante na apreensão de condutas, costumes e ações de determinados grupos ou de atos individuais isolados, motivados pela memória social.

As narrativas orais desses vaqueiros constituem-se em elemento fundamental para a compreensão do processo de consolidação da memória cultural, uma vez que são reveladoras do imaginário local. Dessa forma, a presente pesquisa caminha na mesma direção dos estudos que buscam salientar a presença da cultura popular como parte da construção do povo brasileiro. Em Cascudo (1984, p.27) pontuamos uma passagem que nos faz seguir adiante nas nossas ações como pesquisador:

A literatura que chamamos oficial, pela sua obediência aos ritos modernos ou antigos de escolas ou de predileções individuais, expressa uma ação refletida e puramente intelectual. A sua irmã mais velha, a outra, bem velha e popular, age falando, cantando, representando, dançando no meio do povo.

A literatura oral é considerada por Meihy (2005, p.22), como todas as narrativas transmitidas oralmente e com estrutura de conto, poesia, “causos” não escritos e mantidos na tradição popular [...]. Desse modo, as narrativas orais de um povo trazem consigo elementos capazes de proporcionar o entendimento da sua cultura. Assim, pode-se considerar que a construção da identidade cultural desses vaqueiros se sustenta nas suas narrativas orais, sendo o seu estudo um dos caminhos para o entendimento de uma cultura popular reconhecida e respeitada, tornando-se capaz de sobressair-se e integrar-se à cultura nacional.

Ainda podemos dizer que através da oralidade é que se preserva e compartilha saberes, costumes e tradições, sendo responsáveis pela identidade dos povos e transferências de conteúdos intergeracionais. A prática narrativa se manifesta num conhecimento que não é enciclopédico e tampouco temporal. Assim, a transmissão das características de uma cultura é para Bossi (2004), um dinâmico ato de reelaboração, uma vez que se absorve e ressignifica um conhecimento, transformando-o.

O SUJEITO DA PESQUISA E SEU TERRITÓRIO

Trabalhar com narrativas orais implica depararmo-nos com narrativas e versos que estão intimamente ligados às origens históricas, culturais, assim como as circunstâncias sociais imediatas das comunidades por onde ela circula. A dimensão simbólica das tradições orais perpassa o passado, o presente, o futuro e sustenta a estruturação do projeto social, lutando contra a efemeridade do saber e o apagamento da memória.

Neste horizonte, fundar uma concepção sobre esse tempo que se quer revisitar pela via da memória implica em firmar que a História é terreno comum para muitos e diferentes sujeitos e que esta diversidade se apresenta como dimensão necessária para a compreensão crítica da realidade social. A partir desse novo olhar há mais possibilidades de desconstruirmos as visões de um passado mitificado retratados por acontecimentos cristalizados e com periodizações que pouco tem a ver com as perspectivas que queremos desvendar. Há que se definir uma concepção de presente que nos permita atribuir significado ao passado, e mais, que nos oriente em direção ao futuro que queremos construir, ou estaríamos traduzindo em conservadorismo social o culto pelo passado e transformando a memória em instrumento de prisão e não de libertação como deve ser.

Pedrão é um município brasileiro do estado da Bahia. Sua população estimada no ano de dois mil e quatro era de 6.739 habitantes. Conforme história popular, a origem do nome de Pedrão se deve a um caçador de nome Raimundo Alves ao descobrir que o Arraial estava edificado sobre uma pedra, e por isso justifica o nome Pedrão que foi sendo popularizado. Posteriormente, os moradores o adotaram, ficando o S.S. Coração de Jesus como o seu Padroeiro. De acordo com o que dizem os habitantes mais velhos desta localidade, a Independência da Bahia começou em Pedrão, pois foram os corajosos Encourados de Pedrão que lutaram na linha de frente e expulsaram os portugueses da Bahia.

Os Encourados eram um grupo composto por 39 homens vaqueiros, em sua maioria negros, voluntários (ou não) do município de Pedrão. O objetivo desses vaqueiros era se juntarem às tropas do General Labatut na cidade de Cachoeira, seguindo para Salvador e assim lutarem contra os portugueses no processo de Independência da Bahia em 1823.

No dois de Julho, os Encourados de Pedrão participam da festa cívica baiana, representado por um grupo de vaqueiros, que fazem parte da Associação Encourados de Pedrão. Vestidos tradicionalmente a rigor, usam gibão, perneiras e chapéus de couro para assim representarem a figura tradicional do vaqueiro nordestino nesse desfile cívico desde a década de 50.

De fato, as representações permitem também avaliar o ser-percebido que um indivíduo ou grupo constrói e propõem para si e para os outros. A representação que os indivíduos e os grupos fornecem através de suas práticas e de suas propriedades faz parte integrante de sua realidade social.

Para alguns moradores de Pedrão, a figura do vaqueiro é extremamente importante para a cultura baiana e nordestina, sendo que o vaqueiro pode ser considerado como o autêntico herói do sertão nordestino, tendo em vista a sua luta diária, o seu dia a dia no semiárido, a sua resistência.

Para ir ao encontro das narrativas orais e dos seus narradores, pretende-se adotar procedimentos metodológicos específicos e qualificados para a coleta das narrativas orais (histórias de vida, causos e cantigas de aboio), observações e registros.

A fonte oral pode acrescentar uma dimensão viva, trazendo novas perspectivas á historiografia, posto que o historiador, muitas vezes, necessita de documentos variados além dos escritos. De acordo com Alberti, citamos:

[...] a história oral apenas pode ser empregada em pesquisas sobre temas contemporâneos, ocorridos em um passado não muito remoto, isto é, que a memória dos seres humanos alcance, para que se possa entrevistar pessoas que dele participaram, seja como atores, seja como testemunhas. É claro que, como o passar do tempo, as entrevistas assim produzidas poderão servir de fontes de consulta para pesquisas sobre temas não contemporâneos (ALBERTI, 1989, p.4).

Nessa linha, a história oral centra-se na memória humana e sua capacidade de rememorar o passado enquanto testemunha do vivido. Podemos entender a memória como a presença do passado, como uma construção psíquica e intelectual de fragmentos representativos desse mesmo passado, nunca em sua totalidade, mas parciais em decorrência dos estímulos para a sua seleção.

OS CAMINHOS DA PESQUISA

Como procedimento metodológico, a história oral busca registrar e, portanto, perpetuar impressões, vivências e lembranças daqueles indivíduos que se dispõem a compartilhar sua memória como coletividade, e dessa forma permitir um conhecimento do vivido muito mais rico, dinâmico de situações que, de outra forma, não conheceríamos.

A escrita e as narrativas orais não são fontes excludentes entre si, mas complementam-se mutuamente. As fontes orais não são meros sustentáculos das formas escritas tradicionais, pois são diferentes em sua constituição interna e utilidade inerente. Desse modo, como o objetivo de melhor compreender as nuances e impressões dos vaqueiros que representam os Encourados no desfile cívico do Dois de Julho, seguiremos os princípios e determinações da pesquisa qualitativa de cunho etnográfico.

Há na pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, em que procurou desenvolver uma relação estabelecida no processo de construção de sentidos, na qual o pesquisador e demais participantes estivessem/estejam envolvidos. No entanto, vale ressaltar que esse envolvimento entre pesquisador e sujeitos pesquisados pôde ocorrer somente em aspectos que não causassem o comprometimento da marca científica da pesquisa, ou seja, estabeleceu-se uma relação de confiança com o grupo sem que isso causasse o direcionamento ou a modificação do objeto da pesquisa.

Em outro momento, para que a pesquisa atendesse às normas e procedimentos propostos pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual da Bahia (UNEB), elaboramos e providenciamos a obtenção dos termos de consentimento livre e esclarecido, possibilitando a validação da pesquisa junto à instituição.

Como procedimento de campo foi feita uma análise da documentação com o levantamento, fichamento e estudo de referencial bibliográfico relacionado à temática: identidade cultural, memória, história oral e historiografia baiana. Como fundamentação para norteamento do trabalho, os pressupostos teóricos trazidos por Alberti (2004), nos permitiu refletir sobre as posturas adquiridas no momento das entrevistas bem como os possíveis entraves e enfrentamento no instante de aproximação entre o entrevistado e o pesquisador.

Ainda na perspectiva da autora, o processo da abordagem hermenêutica presente na metodologia da história oral possibilitou vivenciar as experiências do outro, a que se tem acesso sabendo compreender as expressões de sua vivência. A partir desses subsídios encontramos respaldo para avançarmos no território das entrevistas e delas fomos capazes de montar um tecido memorialístico, na qual as histórias emergiram e nos deram pistas concretas do que buscamos.

Por se tratar de uma pesquisa cujo cunho formativo são as narrativas orais dentro de um viés histórico, as considerações de Montenegro (2013) encontram respaldo em nossas andanças por compor através de depoimentos um perfil sobre a representação popular produzida no constructo de embates com a cultura produzida oficialmente e por não considerar a cultura popular como algo perdido. Para o autor; “ela [a cultura popular] está presente, pelas próprias condições materiais de carência radical das condições mínimas de sobrevivência, ao gerar uma produção material e simbólica” (MONTENEGRO, 2013, p. 13). Alinhavamos as abordagens de Benjamin (1994), no âmbito da reprodutibilidade a nossa pesquisa, destacando do autor o seu conceito aurático que caracteriza a singularidade da obra. Com isso no exercício da reprodutibilidade o sentido original que poderíamos chamar de sua essencial estaria fadado a desaparecer, e operando dessa perspectiva que partiremos para entender através dos relatos dos vaqueiros o sentido do ato de representar um movimento histórico que se repete a cada ano.

Trabalhar com as narrativas pessoais de um determinado grupo social é avançar no campo das memórias e das lembranças. Assim buscamos nos escritos de Bosi (2009) embasamento sobre memória e sociedade, uma vez que a autora faz uma cartografia da memória, primeiro através da análise estrutural da memória, logo depois das engrenagens que fazem operar o conteúdo memorialístico nos sujeitos e assim nos instrumentalizar para poder compreender como existem

diferentes meios de trazer à superfície as lembranças através de nossas entrevistas e como é necessário respeitarmos o tempo memorial de cada entrevistado.

Ainda no contexto das memórias implicadas no processo das narrativas orais contaremos como as abordagens de Burke (2000), Le Goff (2003), Portelli (2000), Seixas (2001), Zumthor (1997), esses com diferentes olhares sobre um mesmo prisma sobre as narrativas, as suas construções e o seu funcionamento dentro de um coletivo. Esses diferentes posicionamentos nos permitem a não incorrer de uma compreensão unilateral frente ao nosso objeto pesquisado.

Em Cascudo (1939), procuraremos através da estrutura de sua obra adentrar no universo dos vaqueiros que fazem parte da literatura nordestina, seu sentido dentro do território das fazendas e também a sua relação com sua atividade laboral. Essas impressões trazidas pelo autor nos ajudou no momento em que a pesquisa foi direcionada aos vaqueiros pedronenses, para assim compreender o sentido que o desfile dos Encourados nas comemorações cívicas do Dois de Julho adquirem na atualidade.

Já que a nossa pesquisa partiu de um contexto histórico, e que é o fio condutor para o seu desenvolvimento, foi parâmetros para o nosso estudo as leituras dos historiadores, sendo assim, a construção da dissertação será composta de três capítulos que se estruturam e se constroem a partir das relações estabelecidas entre as teoria e as narrativas. Discorre no primeiro capítulo a contextualização histórica do movimento Encourados, abordado a partir do pensamento dos historiadores Albuquerque (1996), Kraay (2000), Guerra (2004) e Martinez (2000). Aborda-se a formação do grupo de voluntários Encourados de Pedrão, a festa do Dois de Julho e os Encourados dentro do desfile cívico do Dois de Julho. Essa estruturação do primeiro capítulo constituiu-se através de tópicos que fornecerão ao leitor uma visão parcial do pano de fundo que se constitui no arcabouço dessa pesquisa. Além das leituras dos historiadores acima, os tópicos foram subsidiados por recortes de jornais e material disponível no ambiente virtual (internet).

No segundo capítulo tracejamos a estruturação do território pedronense, a figura do vaqueiro, sua contextualização histórica e social, ao mesmo tempo que destacamos a visibilidade e a importância que o vaqueiro adquiri no município de Pedrão. À luz das ideias de Santos (2008), Andrade (1987), Cascudo (1939), e Queiroz (1987). Dando seguimento à construção do capítulo, introduzimos o papel da Associação Encourados de Pedrão por perceber sua importância como responsável pela representação dos Encourados através dos seus associados no desfile cívico do dois de Julho e ao mesmo tempo seu lugar na manutenção da memória da comunidade local pedronense.

Além de leituras sugeridas para o segundo capítulo, introduzimos o uso das entrevistas e fotografias, permitindo ao nosso leitor uma dimensão subjetiva através das narrativas e de visualização do ambiente em que os sujeitos pesquisados fazem parte.

No terceiro capítulo trataremos de identificar como acontece a construção da relação entre o vaqueiro e os representantes dos Encourados e também como aflora o desejo desses vaqueiros de se integrarem e fazerem parte dessa representação como atores que dão vida a um movimento histórico do passado. Essa abordagem se delineará levando em consideração os conceitos e abordagens de representação simbólica teorizadas por Thompson (1998) e Benjamin (1994), bem como o sentido da performance e do espetáculo presente nas leituras de Debord (1997), ambas análises servem para apresentar ao leitor como essas estruturas elencadas justificam a participação dos entrevistados no desfile cívico do Dois de Julho.

Tomando as memórias presente nas narrativas orais coletadas e outras formas de oralidade como a cantiga de aboio, que carreguem no seu interior as impressões dos vaqueiros sobre o movimento que representam; os Encourados de Pedrão (1823), utilizaremos as teorias Bosi (2009), Burke (2000), Le Goff (2003) e Zumthor (1997) para nos dar sustentação.

As considerações finais traçam um breve comentário sobre o que se pode considerar a respeito das impressões dos vaqueiros que se utilizam das narrativas orais para descrever o sentimento de pertencimento em relação ao seu lugar como atores que representam sujeitos de um passado histórico. Não se tem como objetivo apresentar ideias que finalizam o assunto abordado nesta dissertação, mas permitir que se reflita sobre a prática cotidiana milenar que permanece até hoje, o ato de lembrar.

REFERÊNCIAS:

- ALBERTI, Verena. *Ouvir Contar – Textos em História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de. *Algazaras nas ruas: comemorações da independência na Bahia (1889 – 1923)*, Campinas: UNICAMP, 1999.
- ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de. Santos. *Deuses e heróis nas ruas da Bahia: identidade cultural na primeira Republica*. Afro Ásia, 18. 1996
- ANDRADE, Mário de. *As melodias do boi e outras peças*. (Preparação de Oneyda Alvarenga) São Paulo: Duas cidades, Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1987.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 2 ed, São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOSI, Eclea. *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. 11ªed: São Paulo, Cia das Letras, 2004.

- BOSI, Eclea. Problemas ligados á cultura das classes pobres in: VALLE, Edenio, QUEIROZ, José I. *A cultura do povo*. São Paulo: Educ., 1982
- BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. São Paulo: EDUSC, 2000.
- CASCUDO, Luis da Camara. *Vaqueiros e cantadores*. Coleção Reconquista do Brasil vol 81, São Paulo, ed: Itatiaia, 1939.
- GUERRA FILHO, Sergio Armando Diniz. *O povo e a guerra. Participação das camadas populares nas lutas pela Independência da Bahia*. 2004: Dissertação (Mestrado em Historia) – Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, 2004.
- KRAAY, Hendrix. Entre o Brasil e a Bahia; as comemorações do Dois de Julho em Salvador, séc. XIX. *Revista Afro Ásia*, nº023, UFBA, 2000.
- LE GOFF, Jacques. *Historia e memória*. 3 ed. UNICAMP, Campinas, 2003.
- MARTINEZ, Socorro Targino. *2 de Julho: a festa é Historia*. ed: Fundação Gregório de Matos, Salvador, 2000.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. *História oral e memória – a cultura popular revisitada*. São Paulo ed: contexto, 2013
- Portal do IBGE Cidades. Disponível em: www.ibge.gov.br/cidades/topwindow.htm?1>
- QUEIROZ, Washington. *Ofício de Vaqueiro Patrimônio Cultural da Bahia: Breve Histórico*. (Texto para apresentação para publicação na coleção Cadernos do IPAC). Revista do IGHB, nº 48. Salvador, 1923
- RUBIM, Antônio Canelas. Políticas culturais do governo Lula/Gil: desafios e enfrentamentos. In: RUBIM, Antônio Canelas e BAYARDO, Rubens (Orgs.). *Políticas culturais na Ibero-América*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura*. 14 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização - do pensamento único á consciência universal*. São Paulo, Record, 2008
- THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna: Teoria social e critica na era dos meios de comunicação de massa*. 2 ed. Petrópolis, 1998.
- ZUMTHOR. *Introdução á poesia oral*. Belo Horizonte, ed: UFMG, 2010.